

## Artigo

## Teoria da Comunicação

### *Processos e articulações dos operadores epistemológicos<sup>1</sup>*

Luís Mauro Sá Martino<sup>2</sup>

#### Resumo

Este texto discute os resultados de um Projeto de Pesquisa a respeito das principais tendências, aspectos políticos e institucionais da Teoria da Comunicação no Brasil. Pesquisa de campo, análises bibliográfica e documental realizadas entre 2007 e 2014 sugerem que (a) não existe consenso na área a respeito de seus principais operadores epistemológicos; (b) esta situação tem raízes parciais nas condições políticas de surgimento da área; (c) parece haver um movimento recente pela busca de um conceito renovado de 'comunicação'. Desse cenário deriva uma proposta de pesquisa futura.

#### Palavras-chave

Teoria da Comunicação; Epistemologia; Política; Ensino.

#### Abstract

This text discusses the results of a seven-years research on the main trends, historical and institutional aspects of Communication Theory in Brazil. Field, documental and bibliographical research conducted from 2007 to 2014 suggests that (a) there seems to be little consensus about core definitions of the area, as its subject, methods or theories; (b) this situation might be partially explained by the historical development of media research; (c) contemporary research seems to look for a renewed answer to what is 'communication'. A future research proposal derives from these results.

#### Keywords

Communication Theory; Epistemology; Politics; Teaching.

#### Resumen

Este texto analiza los resultados de una investigación de siete años sobre las principales tendencias, aspectos históricos e institucionales de la Teoría de la Comunicación en Brasil. Las investigaciones de campo, documentales y bibliográficas llevadas a cabo entre 2007 y 2014 sugieren que (a) parece haber poco consenso sobre las definiciones básicas del área, como su tema, métodos o teorías; B) esta situación podría explicarse parcialmente por el desarrollo histórico de la investigación en los medios de comunicación; C) la investigación contemporánea parece buscar una respuesta renovada a lo que es la «comunicación». Una propuesta de investigación futura deriva de estos resultados.

#### Palabras clave

Teoría de la comunicación; Epistemología; Política; Enseñanza

<sup>1</sup> Uma versão prévia deste texto foi apresentada em Aula Magna no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás em agosto de 2014.

<sup>2</sup> Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: [lmsmartino@casperlibero.edu.br](mailto:lmsmartino@casperlibero.edu.br)

## Introdução

Assim, a instituição determina diretamente a natureza do saber humano, impondo moldes de divisão e de classificação exatamente como uma língua, por suas ‘rubricas obrigatórias’ (e não apenas por exclusões), obriga a pensar de determinada maneira. (...) O que define a ciência (por esta palavra entender-se-á doravante, aqui, o conjunto de ciências sociais e humanas) não é nem o conteúdo (este é muitas vezes mal limitado e lábil), nem o método (varia de uma ciência para outra: o que há de comum entre a história e a psicologia experimental?), nem sua moral (seriedade e rigor não são propriedades exclusivas da ciência), nem o modo de comunicação (a ciência exprime-se em livros, como tudo o mais), mas somente seu *estatuto*, isto é, sua determinação social: é o objeto de ciência toda matéria que a sociedade julga digna de ser transmitida. Numa palavra, a ciência é o que se ensina. (BARTHES, 1988, p. 23)

Quais são os operadores conceituais da área de comunicação? Existem operadores conceituais específicos, autóctones, da área de comunicação? Se a psicanálise ou a sociologia tem seus conceitos, como “sublimação”, “transferência”, “classe” ou “conflito”, conforme o caso, quais são - se existem - esses conceitos na comunicação?

Entende-se que a resposta a essa pergunta pode ser escavada nos discursos teóricos da área, na medida em que, enquanto discursos, encerram em si tanto uma dimensão institucional (os usos dos discursos nas diversas instâncias legitimadoras, como universidades, eventos, aulas, etc.) quanto epistemológica (sua capacidade formativa na formulação de perguntas e respostas aos problemas da área), em uma “sociologia da ciência”, no sentido de Bourdieu (2006), ou uma “arqueologia”, na perspectiva de Foucault (2001) poderia propor.

Este texto é uma síntese dos resultados de uma pesquisa desenvolvida a partir de 2007 a respeito das condições de produção e circulação das Teorias da Comunicação no espaço acadêmico brasileiro. Note-se, como pressuposto metodológico, que a pergunta não é “O que é ‘Teoria da Comunicação?’”, o que de certa maneira poderia implicar no reconhecimento de sua existência a priori – cf. L. C. Martino (2001) – mas “O que vem sendo considerado ‘Teoria da Comunicação’ nos estudos contemporâneos da área?”

À beira do truísmo, seria lícito esperar de uma disciplina que traz em seu título nome da área acompanhado de uma indicação conceitual oferecesse um repertório teórico para se

pensar as temáticas incluídas dentro dessa fronteira disciplinar, como definem Russi-Duarte (2010) e Luiz C. Martino (2007).

Certamente há, nos cursos de Comunicação, inúmeras “disciplinas teóricas” costumeiramente opostas “técnicas” ou “práticas”, que poderiam ser estudadas a partir do que se propõe. No entanto, vale observar que algumas dessas disciplinas, como Sociologia da Comunicação ou Psicologia da Comunicação parecem se constituir, ao menos pela observação dos nomes, na intersecção de outras áreas do saber constituídas, enquanto Teoria da Comunicação parece se direcionar na constituição de um núcleo de discussões, ideias e teorias específicas da Comunicação.

Ao mesmo tempo, de modo oferecer recursos teóricos e metodológicos para essa pesquisa, procurou-se, a partir de pesquisa documental e bibliográfica, observar a gênese e alguns dos caminhos percorridos na elaboração de um espaço de conhecimento delimitado como “Teoria da Comunicação” desde a criação dos cursos superiores de “Comunicação Social”, no final dos anos 1960.

O plano deste texto pauta-se na síntese e discussão dessas pesquisas.

Uma síntese e problematização das respostas obtidas ao longo dessas investigações – já sujeitas à discussão em vários espaços acadêmicos – são sintetizadas no item (1). O item (2) deriva novos questionamentos dos dois anteriores no sentido de buscar novas interlocuções.

### Dimensões das problemáticas da Teoria da Comunicação

Se é possível fazer um exercício de perspectiva, pode-se evocar quais seriam as impressões do cenário dos estudos de Comunicação tendo em mente a imagem de um observador externo, ou de um neófito na Área. À pergunta “O que é Comunicação?”, que eventualmente pudesse encontrar sua resposta em livros intitulados “Teoria(s) da

Comunicação” ou correlatos, a pluralidade de respostas talvez evocasse o silêncio como única alternativa possível.

A um indivíduo com formação em área do conhecimento completamente distinta que se aventurasse pelos caminhos de uma pós-graduação *strito sensu* Comunicação, qual poderia ser a resposta diante da pergunta sobre o conceito de “Comunicação”? Como relembra Braga (2014, p. 14), os aforismos da Área “se entretecem no corpo das ciências normais que tem se preocupado com o fenômeno comunicacional”.

De fato, o tomar se colocar o tensionamento de regiões diferentes de produção da área como objeto, o exame dos livros teóricos, de pesquisas empíricas e mesmo dos trabalhos de interface poderia eventualmente sugerir a esse neófito que, para estudar “Comunicação”, é necessário estudar Ciências Sociais, Semiótica, Política, Psicologia e toda uma gama de saberes correlatos que às vezes protagonizam estudos vinculados à Área de Comunicação.

A pergunta, talvez apressada, poderia ser na direção de questionar se, uma vez que é necessário um considerável montante de saberes de outras áreas, em que medida valeria a pena estudar “Comunicação” uma vez que seus objetos de eleição igualmente caberiam – exceto por delimitações de área, mas talvez não epistemológicas – em outras áreas do conhecimento.

Há, nas pesquisas em comunicação, certa ambivalência a respeito do que é o “comunicacional” em meio à pluralidade de recortes teóricos constituídos por referências oriundas de diversas áreas do saber. A própria formação do comunicador, nos cursos de graduação, ou de pesquisadores, nos Programas de Pós-Graduação, agrega aportes disciplinares a partir de outras áreas do saber. Nos cursos de graduação, às vezes pautados por demandas de mercado, isso se reflete em nomenclaturas de disciplinas como “Sociologia” ou “Psicologia”, enquanto nos PPGCOMS isso de certo modo se materializa nas áreas de concentração, linhas de pesquisa e na constituição autoral-conceitual das bibliografias.

Nota-se o predomínio de autores e discursos que privilegiam a análise do social, do estético, do político mencionando o mediático, mas com pouca referência ao “comunicacional”. A atribuição de sentidos ao significante “comunicação” comporta várias dimensões, seja como (a) operador epistemológico para a definição de elaborações conceituais, teóricas e metodológicas; (b) como elemento de um espaço institucional constituído ao seu redor como área de conhecimento; finalmente, como (c) definidor de uma área profissional que encontra um ponto de intersecção com as outras duas no ensino superior. Vale explorar brevemente cada um desses aspectos.

### (a) O problema epistemológico

Uma das premissas da pesquisa que informa este texto, desenvolvida em trabalhos preliminares, é a ausência de consensos a respeito de questões epistemológicas básicas da área de Comunicação (MARTINO, L. M., 2008; 2011). Há inúmeros aportes, conceitos e teorias vinculadas aos estudos da área, bem como diversas proposições a respeito dos temas e objetos de estudo, métodos e problemáticas. Mesmo sua constituição disciplinar/interdisciplinar é objeto de dissenso, assim como a validade de determinados aportes epistemológicos diante dos cenários midiáticos que se apresentam diante da investigação em Comunicação.

Isso leva a uma pergunta a respeito dos operadores conceituais em circulação na área de Comunicação. Especificamente, o “comunicacional” dentre esses operadores que não implique necessariamente uma apropriação de conceitos de outras áreas – procedimento certamente legítimo e válido, mas a ser tomado *cum grano salis* na medida em que, ao se desenvolver nos espaços acadêmicos da Comunicação, deve com esta manter alguns vínculos.

A ausência de consensos fundamentais a respeito dos objetos e métodos da comunicação resulta na importação, às vezes indiscriminada, de operadores da linguística, semiótica, sociologia, política, antropologia e filosofia, em uma justaposição – “adjunção”, nos termos de Braga (2014) – mais do que propriamente qualquer tipo de

“interdisciplinaridade”. França (2001) apontava a diversidade dos modelos epistemológicos como um fator de ambivalência da área a partir de alguns impasses metodológicos. Em sentido semelhante, Barbosa (2002) indica a pluralidade teórica como fonte de riquezas da área. Retomando a discussão mais de uma década depois, França (2013) já indica os encaminhamentos no sentido de se pensar o comunicacional como ponto transversal para a área.

Há um consenso mínimo a respeito do que constitui uma “Teoria da Comunicação”. Um exame crítico da bibliografia entre 1997 e 2007 indicou que, de um total de 43 autores citados, apenas 10 apareciam em mais de um livro (MARTINO, 2008; 2010). Os autores/escolas mais citados são “Funcionalismo”, “Escola de Frankfurt”, Marshall McLuhan, “Estruturalismo”, “Semiótica” e estudos Latino-Americanos. Note-se que todas essas teorias foram criadas há pelo menos trinta anos (MARTINO, 2008). O conjunto das teorias (com seus respectivos objetivos, objetos, métodos e recortes) apresentadas como sendo “da Comunicação” faz referência a saberes que, por vezes, parecem abarcar todo o referencial das ciências humanas sem um recorte específico (MARTINO, 2008; 2010).

A indefinição teórica da área, como salienta Gomes (2003), não parece ter se transformado em “interdisciplinaridade”, exceto em discursos de legitimação da área pautados nessa premissa; o conhecimento da área não parece efetivamente trabalhar quaisquer transversalidades epistemológicas exceto com algumas exceções; parece que se trata, de fato, mais de justaposições a partir de pontos específicos – uma *bricolage* de teorias adjacentes, mas não interseccionadas. É questionável se a área é “interdisciplinar” por acolher aportes de diversas áreas, saberes e conhecimentos que não necessariamente dialogam na operacionalização conjunta de conceitos – cf trabalhos de Braga (2011), L. C. Martino (2012) e L. M. Martino (2011).

## (b) O problema institucional

A área de Comunicação foi institucionalizada mais a partir de demandas políticas e econômicas do que epistemológicas; os cursos de Comunicação, sobretudo, parecem ter sido estabelecidos antes da definição de sua área de abrangência como espaço de pesquisa (MARTINO, 2012a). Isso parece ter resultado, desde o início, em um problema na definição do que eram as “teorias” da área: um exame da bibliografia entre 1967 e 1986 indica uma pluralidade não dialógica de caminhos para se estudar o fenômeno (MARTINO, 2011). Do mesmo modo, a constituição teórica do campo epistemológico no Brasil parece ter derivado de uma apropriação de matrizes europeias e norte-americanas que, se podem se constituir em uma das riquezas da área, por outro lado são de difícil diálogo (MARTINO, 2014a).

O problema da institucionalização dos estudos de Comunicação relaciona-se ao seu reconhecimento e legitimação como área de conhecimento relativamente autônoma – v. Mattos (2007). No entanto, como apontam Lopes (2003; 2006), L. M. Martino (2011) e Signates (2013), há um descompasso entre a institucionalização da Área, plenamente consolidada em vários aspectos, e os impasses teóricos que, de maneira paradoxal, apontam para fragilidades epistemológicas. Nesse sentido, Sholle (1995) e Streeter (1995) discutem as relações da “Teoria da Comunicação” enquanto espaço de desenvolvimento teórico da área de Comunicação e como disciplina específica, indicando alguns dos problemas específicos dessa dupla elaboração da teoria. O desenvolvimento do que Craig (1999) chama do “campo” das teorias, ou um campo epistemológico da Comunicação não parece acompanhar *pari passu* os desenvolvimentos do campo profissional ou mesmo dos vínculos com as instâncias legitimadoras de fomento e produção do saber.

A fragilidade teórica da área, quando manifesta nos espaços institucionais de ensino e de pesquisa, pode igualmente fragilizar a percepção da Comunicação como uma “área do saber” – expressão usada para distingui-la de “Área de Conhecimento”, legitimada na dinâmica do reconhecimento institucional – potencializando as definições que se desenrolam ao redor das habilitações profissionais a partir dos quais se derivam

conceitos sem articulação com uma área propriamente de “Comunicação” – veja-se Ferreira (2003; 2007) e L. M. Martino (2011).

### (c) Problema pedagógico-acadêmica

A dimensão pedagógico-disciplinar da epistemologia da Comunicação segue trilha semelhante. A análise do programa de ensino de “Teoria(s) da Comunicação” de 31 cursos aponta para as mesmas ambivalências encontradas nos livros (MARTINO, 2012b). Entrevistas realizadas com 15 docentes de “Teoria da Comunicação” de universidades públicas e privadas de quatro regiões brasileiras indicou igualmente para uma indefinição sobre a área coberta pela disciplina (MARTINO, *mimeo*). A riqueza das discussões epistemológicas é consideravelmente reduzida, com exceções, no espaço das Teorias da Comunicação (MARTINO, 2013a). Há poucas intersecções com as pesquisas em cibercultura, internet ou mídias digitais (MARTINO, 2013b).

A partir da criação de cursos de comunicação estruturados por necessidades de mercado, sem um referencial teórico, objeto empírico ou recorte definido para sua orientação; formação teórica pautada por matrizes que não dialogam, agregadas (justapostas) a partir de transformações históricas. A genealogia dos estudos apropriados na área, sugerem Moura (2008), Albuquerque (2012) e L. M. Martino (2011; 2014) indica uma pluralidade teórico-metodológica na qual o objeto tomado como central em uma metodologia é invisível por outra, sem consenso.

Algumas das ambivalências epistemológicas parecem estar na origem dos problemas de construção da área em sua institucionalização como espaço de ensino. Ainda nos anos 1970, quando os cursos de Comunicação eram relativamente novos, Doria (1972) mostrava os impasses e descontentamento dos discentes de Comunicação com os rumos da formação teórica em relação ao profissional. O problema prossegue nas décadas seguintes. Lins da Silva (1978) questiona a pertinência da diversidade da área. Santaella (1982) menciona a pluralidade de teorias existentes à disposição do ensino como um problema, enquanto Epstein (1987) define a disciplina como um “impasse curricular”.

Em momentos diferentes, Braga (1992; 2006) e Lasorsa (2002) apresentam as possibilidades abertas pela intersecção entre formação teórica e pesquisa, enquanto Baptista (2003), Bonin (2005) e Russi-Duarte (2010) indicam algumas estratégias para os encaminhamentos da disciplina a partir da articulação de suas matrizes epistemológicas, em perspectiva similar às de Temer (2007) e Sodré (2008).

A interpretação das questões disciplinares e institucionais da área de Comunicação como um problema epistemológico é um dos principais desafios enfrentado por pesquisadores e estudantes. O vínculo que se busca aqui não é pensar a questão como um problema de ensino-aprendizagem, mas de observar como as questões epistemológicas efetivamente se inscrevem dentro do discurso de uma disciplina fundamental dentro dos cursos de Comunicação.

É possível dizer que a visibilidade das problemáticas epistemológicas trabalhadas em revistas acadêmicas, grupos de pesquisa e, em particular, no GT Epistemologia da Comunicação da Compós, de alguma maneira encontra sua objetivação no momento em que orientam, ou podem orientar, a definição do que será efetivamente construído como o “cânone” da área. Na medida em que a visibilidade desse “cânone” deve ser haurida de algum lugar específico, é possível eleger uma disciplina acadêmica específica como eixo ao redor do qual se desenvolvem as questões de pesquisa.

Isso pode levar a um questionamento: diante dessa pluralidade, o que efetivamente não poderia ser entendido como “pesquisa em comunicação”? A partir de quais critérios se pode incluir um projeto de pesquisa como sendo “de comunicação”? (MARTINO, 2010).

Finalmente, a observação dos espaços de discussão epistemológica indica uma mudança nos questionamentos a esse respeito. Se houve um momento inicial no qual a pergunta epistemológica era dirigida sobretudo aos objetos, recortes e fronteiras da área de Comunicação, observa-se nos últimos anos tanto a discussão de teorias específicas a

respeito de seu componente “comunicacional” quanto uma discussão do próprio conceito de “comunicação”. É o que se explora a seguir.

### A pergunta pelo comunicacional nas Teorias da Comunicação

A reflexão sobre o estatuto da Comunicação enquanto espaço de estudo relativamente autônomo parece encontrar tantas ramificações epistemológicas quantos são os desdobramentos e metabóles não apenas dos objetos midiáticos que se sucedem vertiginosamente amparados ora em uma perspectiva crítico-destrutiva ora em perspectiva soterio-hagiográfica, mas também dos conceitos elaborados para dar conta tanto desses objetos quanto dos fenômenos comunicacionais.

Entender o comunicacional implica, entre outras coisas, em endereçar à área três perguntas iniciais no sentido dessa investigação: (a) Quais são os conceitos de “comunicação” em circulação na área? (b) Quais autores se dedicam a definir “comunicação”? A partir de quais matrizes? (c) O que é “comunicação” nas teorias da Comunicação?

Não há pretensão de ineditismo nessas perguntas. Sua formulação, aliás, se dá a partir de inúmeras interlocuções. Com o risco da omissão involuntária, cabe recuperar algumas dessas instâncias, sem pretensão ao exaustivo. Signates (2010; 2013) questiona, a partir da perspectiva da “exogenia”, o que há de “comunicacional” na proposta de um Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Lopes (2003), Ferreira (2007) e França (2013) questionam as intersecções entre teorias, epistemologia e política na área, ao mesmo tempo em que Braga (2010; 2012) e Marcondes Filho (2010; 2012) e Ferrara (2012; 2013) investigam a própria natureza do fenômeno comunicacional. Picado (2001) e Pimenta (2007) endereçam essas perguntas a partir da Semiótica; Silveira (2013) traz a interface com a Psicanálise, enquanto Albuquerque (2002), Felinto (2011) e L. C. Martino (2001; 2007) tensionam as questões comunicacionais com as midiáticas.

A observação diacrônica dessas elaborações, por sua vez, não deixa de indicar a busca e permanência de algumas trilhas em relação ao abandono de outras, senão por se mostrarem francamente infrutíferas mas também, pode-se propor, por exaustão dos caminhos e perspectivas eleitos como espaço de tensionamentos e entrelaçamentos.

Seria possível propor, em vista disso, que é possível delinear – com todos os limites e generalizações que um delineamento comporta, preferindo o panorama em vez do detalhe – alguns movimentos epistemológicos na área de Comunicação em relação ao que se refere sua própria maneira de endereçar questionamentos específicos sobre a formação de seus saberes e de sua “constituição” – cf. Braga (2001) e Ferreira (2003; 2007) como espaço de produção do saber. O uso do termo “espaço”, aliás, advém da discussão a respeito dos limites de se denominar, como nas instâncias oficiais, uma “área” ou distinguir como “campo”, em suas ressonâncias vinculadas aos sentidos de jogos, disputas e discursos em tensionamento – cf. a respeito, Romancini (2006).

Tendo isso em vista, pode-se notar, ao acompanhar a trajetória do espaço materializada nos discursos produzidos por seus participantes, que certas perguntas pararam de ser feitas ao mesmo tempo em que novas questões, ou novas formulações de questões anteriores adequadas a perspectivas sincrônicas, são elaboradas.

Um dos elementos a ressaltar de início nessas transformações é a consolidação e expansão das discussões focalizadas exclusivamente em questões epistemológicas da área, que, embora datem praticamente de sua fundação – cf., por exemplo, Martino (2010; 2011) –, parecem multiplicar-se exponencialmente à medida em que espaços institucionais de pesquisa igualmente aumentaram.

Assim, observa-se desde os primeiros anos do século 21 uma constante e, em certa medida, crescente, produção voltada para a Epistemologia da Comunicação.

À perguntas como “Qual é o objeto de estudo da Comunicação?” ou “Quais os limites do campo da Comunicação?” – cf. Peruzzo (2002) ou Issler (2002) –, bem como

questionamentos relacionados com a delimitação de olhares particulares ou da eleição da interdisciplinaridade, em maior ou menor grau de dispersão, como especificidade da área, é possível observar a emergência de estudos que se dedicam a delimitar não mais o “objeto” da Comunicação, mas, de certa maneira, alterando o rumo da referência, perguntando-se pela “Comunicação” como um fenômeno apreensível em circunstâncias, momentos e condições diversas. Da gama de trabalhos recentes dedicados à discussão, pode-se mencionar, por exemplo, a Braga (2012), Marcondes Filho (2012) e Ferrara (2013).

Vale observar que essa incidência de um tipo específico de ramificação não vem se construindo necessariamente como corte ou oposição direta a outros tipos de investigação, mas – na falta de expressão melhor – como uma abordagem que procura compreender a Comunicação a partir de si mesma em aportes que permitam operacionalizar metodologicamente o “comunicacional” não como “centralidade” específica ou necessária de todos os outros processos sociais, mas como elemento presente na construção de uma mirada específica.

É possível encontrar, como denominador comum, ainda que fluido, de algumas reflexões da área o deslocamento para uma pergunta originária, “O que é Comunicação?”, ou, com o uso de um artigo definido, “O que é ‘a’ Comunicação?”. A delimitação do ontológico dentro de uma perspectiva epistemológica é um passo por vezes arriscado na medida em que remete a indícios de um pensamento que pode tanto significar o tangenciamento com uma metafísica do conceito quanto o tangenciamento com o óbvio na demonstração daquilo que se toma como premissa.

É, no entanto, nas “intermitências” (MATTOS, 2003; 2006) desses dois extremos que parece estar a problematização do questionamento a respeito de um conceito de “Comunicação” a partir do qual seja possível traçar eventuais linhas de força presentes como forma de constituição de uma “área” formada a partir de questões epistemológicas com uma diversidade que não se torne propriamente dispersão, e uma unidade constitutiva que permita o reconhecimento mútuo – evidentemente desprovida de

qualquer “programa” ou normatização semelhante, o que engessaria e desmantelaria qualquer possibilidade de ação – sem que isso se dê como resultante de ações políticas dentro de uma esfera predominante institucional.

Na área de Comunicação, o “acúmulo formidável de olhares angulados por toda uma variedade de objetivos, de objetos preferenciais, de fundamentos diversos”, como aponta Braga (2014, p. 14) apresentam-se na perspectiva desse conhecimento aforístico no qual a dispersão e a unidade estão em contínuo tensionamento sem desligamento ou continuidade. As duas possibilidades, nesse sentido, convergem rupturas tanto no sentido de se procurar uma unidade a qualquer preço que, em última análise, eliminaria qualquer possibilidade de ruptura, quanto na possibilidade de se eliminar, por inexistente, a própria área.

Essa demanda parece decorrer, quando se observam algumas das linhas de abordagem epistemológicas da área, de um tensionamento entre a multiplicação de objetos estudados – não necessariamente “objetos de estudo” da área, o que sugeriria certa unidade – e suas correlatas demandas conceituais e metodológicas e o questionamento a respeito da pertinência à Área do Conhecimento à qual se filiam. A multiplicação de objetos, conceitos, metodologias e aportes, se por um lado é um indício da riqueza da área, por outro lado eventualmente sugere uma possibilidade de leitura na qual a dispersão, *reductio ad absurdum*, implicaria o desmantelamento da Área ao redor de recortes específicos no qual circulam objetos materializados em práticas ou tecnologias.

Nesse cenário, metaforicamente, as pesquisas em Comunicação formam aglomerados fechados ao redor de temáticas, autores, conceitos e tecnologias dispersos em um leque de possibilidades que, de certa maneira, tende não a tangenciar, mas eventualmente mesmo a se sobrepor com outras linhagens dentro do conhecimento das ciências humanas, quando não se dispersam por todo ele – veja-se, por exemplo, os argumentos – diferentes entre si, ressalte-se – de França (2001), Albuquerque (2002), Felinto (2007; 2011) ou Pimenta (2011).

É nesse sentido, talvez, que se possa compreender a demanda por uma pergunta originária endereçada ao que se entende por “Comunicação” e, dessa maneira, elaborar critérios epistemológicos aproximados de pertinência que, se não delimitam as abordagens ou o objeto, ao menos se dedique a pensar de que maneira determinados discursos teórico-metodológicos se inscrevem dentro de uma unidade que já encontra consolidada sua materialização institucional sem, no entanto, escapar aos restritivos epistemológicos de uma dispersão.

### Considerações finais

A observação das instâncias epistemológicas, institucionais e pedagógicas envolvidas na elaboração das Teorias da Comunicação, tanto em seu percurso diacrônico quanto em suas manifestações contemporâneas, permite entender algumas características da área, em suas dinâmicas, espaços e contradições. A investigação contemporânea em Comunicação, em sua tripla intersecção epistemológica, institucional e pedagógico-formacional, passa de alguma maneira pela elaboração de um conjunto de referenciais aglomerados, entre outros, de maneira preferencial no espaço da disciplina Teoria da Comunicação.

O exame dessa disciplina, de alguma maneira, revela alguns dos problemas epistemológicos, institucionais e pedagógicos da área na medida em que, em sua origem e forma atual, apresenta ecos dessas questões. A escolha do recorte de investigação que orientou todos os momentos como eixo de investigação pautou-se na perspectiva dessas ressonâncias da área no espaço da disciplina – de onde o foco de estudos procurar espelhar, a partir da Teoria da Comunicação como marco inicial, algumas das questões da Área de Comunicação.

A diversidade encontrada nos conceitos reunidos sob a rubrica da disciplina “Teorias da Comunicação” ecoa assimetricamente alguns aspectos do estatuto atual de produção de conhecimento. A diversidade teórico-conceitual equilibra-se de modo instável com a dispersão epistemológica – como salienta Braga (2014) – presente desde os momentos

iniciais de produção teórica da Área. A ausência de referenciais e temáticas comuns, de caminhos interdisciplinares e de consensos fundamentais pode eventualmente fragilizar a Comunicação enquanto Área de Conhecimento.

A esse cenário, obtido a partir das investigações realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa que informa este texto, destacam-se algumas buscas por unidade na emergência de estudos dedicados à definição do conceito de Comunicação, procurando definições que permitam encontrar a *differentia specifica* da Área em relação às outras dentro das Ciências Humanas. É em relação a essa busca atual pelo comunicacional que se podem endereçar novos questionamentos à formação teórica na Comunicação.

Percorre o conjunto das Teorias da Comunicação uma transversalidade epistemológica que é o próprio conceito de “comunicação”, tal como apreendido em cada uma das elaborações teóricas da Área. No centro de toda Teoria da Comunicação parece existir uma concepção específica de “comunicação” que orienta seu desenvolvimento. Isso, de alguma maneira, poderia ser pensado como a diferença responsável por vincular uma teoria à “comunicação”, não a outros espaços de conhecimento – cf. Martin Algarra (2009). Note-se que essa concepção de “comunicação” pode não implicar exatamente uma definição do fenômeno em suas múltiplas dimensões, mas no posicionamento central de elementos vinculados ao midiático ou ao do comunicacional como modalidade fundamental de aderência.

A observação dos espaços de discussão epistemológica indica uma mudança nos questionamentos a esse respeito. Se houve um momento inicial no qual a pergunta epistemológica era dirigida sobretudo aos objetos, recortes e fronteiras da área de Comunicação, observa-se nos últimos anos tanto a discussão de teorias específicas a respeito de seu componente “comunicacional” quanto uma discussão do próprio conceito de “comunicação”.

Isso gera novos pontos de partida: Quais são os operadores conceituais da área de comunicação? Existem operadores conceituais específicos, autóctones, da área de

comunicação? Se a psicanálise ou a sociologia tem seus conceitos, como “sublimação”, “transferência”, “classe” ou “conflito”, conforme o caso, quais são – se existem – esses conceitos na comunicação? Uma resposta a essa pergunta pode ser escavada nos discursos teóricos da área, na medida em que, enquanto discursos, encerram tanto uma dimensão institucional (os usos dos discursos nas diversas instâncias legitimadoras, como universidades, eventos, aulas, etc.) quanto epistemológica (sua capacidade formativa na formulação de perguntas e respostas aos problemas da área). Assim, quais são os conceitos de “comunicação” em circulação na área? Quais autores se dedicam a definir “comunicação”? A partir de quais matrizes? O que é “comunicação” nas teorias da Comunicação?

O cenário teórico da Área de Comunicação, em sua diversidade que se aproxima da dispersão, parece enfrentar como primeiro desafio levar em conta as ambivalências de seu operador epistemológico central. Compreender as variedades de apreensão do comunicacional nas Teorias da Comunicação pode auxiliar a compreensão dos conceitos em circulação na área, em suas transversalidades, condições e contradições.

## Referências

- ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. **Revista Fronteiras**, v. IV, n. 2, dez. 2002.
- BAPTISTA, M. L. C. Disciplinas teóricas: de entulho de currículo a campo do desejo e autopoiesis. Trabalho apresentado no XXVI *Intercom*. Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.
- BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: HOHFELDT, A. et al. **Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BONIN, J. A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Conexão UCS**, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2006.
- BRAGA, J. L. A formação de professores para a Comunicação. In: KUNSCH, M. M. K. **O ensino de Comunicação**. São Paulo: Abecom, 1992.
- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. In: VVAA. **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.
- BRAGA, J. L. Ensino e pesquisa em Comunicação. Texto apresentado em mesa-redonda no *Intercom Sul* – Curitiba, maio de 2006.

- BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente - tentativa. **Matrizes**, v. 4, n. 1, 2010.
- BRAGA, J. L. Um conhecimento aforístico. Trabalho apresentado no XIII *Encontro da Compós*, jun. de 2014.
- CRAIG, R. Communication theory as a field. **Communication Theory**, 9(2), may 1999.
- DORIA, F. O Dossiê. **Revista de Cultura Vozes**, n. especial “Escolas de Comunicação e Profissionalização”. Petrópolis: Vozes, ano 66, v. 66 n. 8, out. 1972.
- EPSTEIN, I. Um impasse curricular: teoria da Comunicação. IN: MELO, J. M. **Ensino de Comunicação no Brasil: impasses e desafios**. São Paulo: Eca/Usp, 1987.
- FELINTO, E. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. Texto apresentado no XX Encontro da Compós. Porto Alegre: UFRGS, jun, 2011.
- FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador: Ed. UFBA, 2007.
- FERRARA, L. D'A. A comunicação entre hábito e consciência. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós. Juiz de Fora, jun. 2012.
- FERRARA, L. D'A. A epistemologia de uma comunicação indecisa. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós. Salvador, jun. 2013.
- FERRARA, L. D'A. A comunicação: da epistemologia ao empírico. Trabalho apresentado no 23º Encontro da Compós. Belém, maio 2014.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, A. et al (Org.). **Mídia.br**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FERREIRA, J. Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da Comunicação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Cenários, teorias e metodologias da Comunicação**. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (Orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FRANÇA, V. R. V. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós. Salvador, jun. 2013.
- ISSLER, B. Objetos de pesquisa e campo comunicacional. In: WEBER, M. H.; BENTZ, I. E HOHFELDT, A. **Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LASORSA, D. L. Diversity in Mass Communication Theory Courses. **Journalism and Mass Communication Educator**. Autumn, 2002.
- LIMA, V. Repensando as teorias da comunicação. In: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983, p. 86.
- LINS DA SILVA, C. E. Teoria da Comunicação. In: FADUL, A. & MELO, J. M. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1978.
- LOPES, M. I. V. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Famecos**, n. 30, p. 16 – 30, ago. 2006.

- LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: \_\_\_\_\_. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOZANO A., C. y VICENTE M., M. (2010): La enseñanza universitaria de las Teorías de la Comunicación en Europa y América Latina. **Revista Latina de Comunicación Social**, 65. La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, p. 255 a 265.
- MARCONDES FILHO, C. A Comunicação no sentido estrito e o metáforo. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós. Juiz de Fora, jun. 2012.
- MARTIN ALGARRA, M. La comunicación como objeto de estudio de la teoría de la comunicación. **Anàlisi**, 38, p. 151-172, 2009.
- MARTINO, L. M. S. A disciplina interdisciplinar. Texto apresentado no GT Estudos Interdisciplinares no XVI Intercom Sudeste. São Paulo, 10 a 12 de maio de 2011.
- MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos**, n. 38. jun.-ago. 2008.
- MARTINO, L. M. S. A influência de fatores políticos na formação epistemológica do campo da comunicação no Brasil. Texto apresentado no I Confibercom. São Paulo: Agosto de 2011a.
- MARTINO, L. M. S. O que foi Teoria da Comunicação? Um estudo da bibliografia 1964-1986. XXXIII Congresso da Intercom. Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010.
- MARTINO, Luiz Cláudio. Uma questão prévia: existem Teorias da Comunicação? XXX Congresso da Intercom. Santos: 2007.
- MATTOS, M. A. Desafios para a a formação e o reconhecimento da identidade teórico-epistemológica do campo comunicacional e seus agentes acadêmicos. In: FERREIRA, G. M. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador, Edufba, 2007.
- MATTOS, M. A. Intermitências epistêmicas da Comunicação. In: PINTO, J. e SERELLE, M. **Interações midiáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PERUZZO, C. K. Em busca dos objetos de pesquisa em Comunicação no Brasil. In: WEBER, M. H.; BENTZ, I. E HOHFELDT, A. **Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- PICADO, J. B. Por que a Semiótica Interessa às Teorias da Comunicação? Trabalho apresentado no 9º Encontro da Compós. Brasília, jun. 2001.
- PIMENTA, F. J. P. Jogos, redes sociais e a crise no campo da Comunicação. Trabalho apresentado no 5º Simpósio Nacional da ABCiber. Florianópolis: UFSC, nov. 2011.
- PIMENTA, F. J. P. Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação. Trabalho apresentado no 16o. Encontro da Compós. Curitiba, jun. 2007.
- ROMANCINI, Richard. O campo científico da Comunicação no Brasil. São Paulo, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes – USP, 2006.
- RUSSI-DUARTE, P. Por que ensinar teorias (da comunicação)? Trabalho apresentado no XXXII Congresso da Intercom. Curitiba: Universidade Positivo, 2009.
- SÁNCHEZ, L. e CAMPOS, M. La Teoría de la comunicación: diversidad teórica y fundamentación epistemológica. **Dialogos de la Comunicación**, n. 78, p. 24-38, jan.-jul. 2009.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2003.
- SANTAELLA, L. Teoria da Comunicação: considerações para o ensino. **Boletim Intercom**, ano 5, n. 38, p. 24-28, jul.-ago. 1982

SHOLLE, D. Resisting disciplines: repositioning media studies in the university. **Communication Theory**, 5 (2), p.130–143, 1995.

SILVEIRA, P. M. O revirão e o ciborgue: teoria da comunicação e psicanálise. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós. Salvador, jun. 2013.

SODRÉ, M. Ensinar e Pesquisar. In: MOREIRA, S. V. e VIEIRA, J. P. D. **Comunicação: ensino e pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

STREETER, T. Introduction: for the study of Communication and against the discipline of Communication. **Communication Theory**, 5(2), p. 117–129, 1995.

TEMER, A. C. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo. Texto apresentado no 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia: 27 a 30 de abril de 2007.